

A Nau Catarineta em duas versões infantis: A narrativa popular através das ilustrações

Mestranda Rhea Sílvia Willmer¹ (UFRJ)

Resumo:

A partir de duas versões do poema popular luso-brasileiro Nau Catarineta configuradas e direcionadas para o público infantil – uma edição portuguesa, e outra brasileira – o presente trabalho pretende observar a forma como, através de uma escrita que recria a oralidade presente no poema em sua forma popular e de suas ilustrações, se dão as reapropriações do poema e de que maneira os ilustradores apresentam novas possibilidades de leituras desse poema. A Literatura Popular tradicional – de origem oral – se aproximou da Literatura Infantil por causa da sua linguagem acessível e pelo seu “caráter universal”. A exemplo do que ocorreu com os Contos de Fadas, a Nau Catarineta é editada hoje para o público infantil. É interessante observar a dimensão que a ilustração assumiu nos livros infantis atuais: as imagens passaram a ser objeto de leitura, proporcionando múltiplas leituras e releituras de um único texto, uma vez que os elementos visuais são incorporados à narrativa.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil, literatura popular, ilustrações, Nau Catarineta.

Introdução

A *Nau Catarineta* é um dos mais famosos poemas populares em língua portuguesa, um episódio épico-marítimo como *Os Lusíadas*; embora não seja possível precisar a data de sua origem, supõe-se que seja da segunda metade do século XVI, logo após o auge das navegações portuguesas. Desde que foi recolhido em Lisboa, no ano de 1843, por Almeida Garrett, e publicado no *Romanceiro e Cancioneiro Geral*, ganhou várias versões escritas. A Literatura Popular tradicional – de origem oral – se aproximou da Literatura Infantil por causa da sua linguagem acessível e pelo seu “caráter universal”, fundamental na tradição popular brasileira, como afirma Câmara Cascudo: “Assim, as histórias mais populares no Brasil, não são as mais regionais ou julgadamente nascidas no país, mas aquelas de caráter universal, antigas, seculares, espalhadas por quase toda a superfície da terra.” (CASCUDO, 1978, p.33) A exemplo do que ocorreu com os Contos de Fadas, a *Nau Catarineta* é editada hoje para o público infantil: “talvez mais do que qualquer outro gênero, o conto oral é universal e comum a todas as culturas e continentes.” (LEITE, 1998, p.24)

O diálogo entre Brasil e Portugal é evidente no que diz respeito às diversas versões da *Nau Catarineta*. Diálogo que começa no fato de que as versões desse poema conhecidas hoje são fruto de transmissões orais, que, por sua vez, perpetuam parte do imaginário luso-brasileiro a respeito do mar e das navegações, estabelecendo assim, como afirma Walter Benjamin, uma das formas narrativas clássicas, exemplificada pela figura do marinheiro, o homem que viaja e retorna tendo muitas histórias para contar:

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre esses existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. [...] Se quisermos concretizar esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e outro pelo marinheiro comerciante. (BENJAMIN, W. 1994, p. 198-199)

Ou seja, para além de ser uma narrativa, por ser amplamente difundido como metáfora para a jornada das grandes navegações portuguesas, o poema *Nau Catarineta* tem caráter fundamental na formação do imaginário luso-brasileiro. Se ainda por cima levarmos em consideração o fato de boa

parte da população tanto de Portugal quanto do Brasil ter sido iletrada até meados do século XX, poderemos inferir a extensão da importância da conservação desse poema nas culturas desses países, que provavelmente alcançou grande quantidade de “leitores”, como *Os Lusíadas*, principal obra poética no que diz respeito à formação da cultura lusófona. É relevante aqui considerarmos que “a sociedade que não sabe ler também tem as suas manifestações literárias [...] a literatura é a verdadeira dimensão das sociedades do ponto de vista da identidade”. (ROSÁRIO, 2007, p.316)

1. A Nau Catarineta e a Tradição Oral Luso-Brasileira

O poema *Nau Catarineta* apresenta-se como veículo na propagação de parte da nossa herança cultural. No fato de ser um relato poético a respeito das navegações consiste a peculiaridade dessa ode trágico-marítima, uma vez que sua estrutura, esquematizada de maneira a favorecer a memorização e recitação, é concisa e clara, para ser compreendida pelos ouvintes. Ao contrário dos relatos em prosa da História trágico-marítima, a narrativa não se estende em pormenores e particularidades, portanto não “serve” como documento histórico como é concebido nos dias atuais. Walter Benjamin em seu ensaio “O narrador” aborda essa questão da seguinte maneira:

O historiador é obrigado a explicar de uma ou de outra maneira os episódios com que lida, e não pode absolutamente contentar-se em representá-los como modelo da história e do mundo. É exatamente o que faz o cronista, especialmente através dos seus representantes clássicos, os cronistas medievais, precursores da historiografia moderna. Na base de sua historiografia está o plano da salvação, de origem divina, indevassável em seus desígnios, e com isso desde o início se libertaram do ônus da explicação verificável. Ela é substituída pela exegese, que não se preocupa com o encadeamento exato dos fatos determinados, mas com a maneira de sua inserção no fluxo insondável das coisas. (BENJAMIN, W. 1994, p. 209)

Muito do conhecimento popular, principalmente quando se trata de narrativas ou músicas de tradição oral, é incorporado pelo público infantil, principalmente por causa das suas estruturas lingüísticas, simples e facilitadoras, antes, pelas capacidades mnemônicas, e agora por se adequar às capacidades cognitivas dos jovens leitores: “Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas.” (BENJAMIN, W 1994, p. 205)

A *Nau Catarineta* conta a aventura que é descobrir novas terras. Narra, portanto, a História, com uma estrutura simples, linguagem acessível, e apresenta um conceito, uma moral religiosa vigente na época, que se traduz em perpetuação de um conhecimento. Cecília Meireles, em *Problemas da literatura infantil*, afirma que, “quando ainda não havia bibliotecas infantis, não era tão grande e sensível a sua falta; o convívio humano as substituía”. (MEIRELES, 1979, p.50)

A *Nau Catarineta* ilustrada por José de Guimarães (Quetzal Editores, 1983) apresenta texto recolhido diretamente da tradição oral, em 1981, isto é, quase 140 anos depois de Garrett ter transcrito o poema pela primeira vez, o que indica que essa narrativa continuou a ser transmitida de geração em geração, permanecendo “viva” e sujeita a pequenas mudanças e interferências de seus diversos narradores.

A versão da *Nau Catarineta* editada pela Manatti em 2003, na qual o poema e as ilustrações são fruto de pesquisa de Roger Mello sobre arte popular, apresenta um claro trabalho de reapropriação dessa ode romanceada. Através de uma escrita que recria a oralidade presente no poema em sua forma popular e de suas ilustrações, que possuem um claro tom de dramaticidade e fazem alusão às formas encenadas da *Nau Catarineta* em território brasileiro, tais como o fandango e a marujada, o ilustrador apresenta novas possibilidades de leitura do poema. A ambientação do poema é feita de maneira a haver a identificação de elementos brasileiros na narrativa de origem portuguesa, uma vez que “toda literatura oral se aclimata pela inclusão de elementos locais no enredo central do conto, da anedota, da ronda infantil, da adivinha”. (CASCUDO, 1978, p.34)

2. A Metáfora das Navegações nas Ilustrações de José de Guimarães

A versão da Nau Catrineta (observe-se que a pronúncia portuguesa transparece no título) recolhida em 1981 e ilustrada pelo pintor José de Guimarães possui texto conciso, que dialoga de maneira metafórica – uma vez que suas referências culturais são universalistas e não nacionais – uma vez que não são realistas, aproximando-se de um traçado infantil.

Em sua apresentação, de apenas dois versos, pede-se a atenção para a história que será contada, mantendo-se um certo suspense, evidenciado na palavra "pasmal", pela narrativa iminente:

Lá vem a Nau Catarineta que tem muito que contar
ouvide agora, senhores, uma história de pasmar: (GUIMARÃES, 1983)

A representação pictórica da embarcação é curiosa, uma vez que esta possui rodinhas e está sobre o mar, que é também uma serpente; dessa forma estabelece-se que aquela nau não navega de verdade, trata-se de uma representação lúdica: a nau possui rosto (olho e boca), e que olha em direção oposta ao marinheiro (que mais tarde a criança descobre ser o Capitão-general). É interessante observar que as cores em nenhum momento pretendem ser realistas: o Capitão-general, por exemplo, nessa primeira ilustração possui um braço lilás, o rosto preto e o outro braço verde, assim como a sua espada, tendo ainda o topo de sua cabeça pintado de vermelho, no que poderia ser seu cabelo, um chapéu, uma coroa ou ainda uma "crista". As cores utilizadas, quase sempre, são primárias e secundárias. As personagens são figuras antropomórficas, poderiam ser "monstrinhos", pois são figurinhas simpáticas e não propriamente monstruosas e em algumas páginas parecem estar dançando.

A fome é um dos pontos de tensão do poema; observe-se o verso: "Deitaram sola de molho para o outro dia jantar"(GUIMARÃES, 1983, observe-se que a edição da Nau Catrineta ilustrada por José de Guimarães não apresenta as páginas numeradas); as personagens aparecem colocando sapatos de molho (nota-se que elas não usam sapatos). E é a partir da fome que surgem o desespero e a tentação: "Deitaram sortes à ventura quem haviam de matar"(GUIMARÃES, 1983). Surge uma personagem com a cara vermelha e a boca escancarada – com fome ou talvez raiva – e uma outra personagem com o rosto de uma caveira – por causa da fome ou num prenúncio à morte? – tocando um tambor, que pode ser símbolo também do suspense pelo que haverá de vir; a personagem que toca o tambor aparece ainda com a cabeça da serpente aproximando-se de seu rosto, serpente que estava presente na ilustração de abertura do livro e que agora parece estar representando a tentação (demoníaca?) a que estavam sujeitos os marinheiros.

E como o rufar de tambores havia prenunciado: "logo foi cair a sorte no capitão-general" (GUIMARÃES, 1983). O Capitão-general é representado como uma figura imponente, ocupando praticamente a página inteira do livro, e traz uma espada que termina em cruz; em seu rosto há outra cruz, da figura que foi "ungida", simbolizando, portanto, o cristão português nas cruzadas marítimas. A seguir surge a figura do gajeiro, que deve subir ao mastro e verificar se há terra à vista, mas esse marujo está possuído pela serpente azul, que o envolve junto ao mastro, imagem que remete às mitologias clássica e cristã, pois, assim como a serpente pode simbolizar a tentação a que estão submetidos todos os marinheiros, simboliza também a sabedoria e o conhecimento; essa serpente, figura recorrente nas ilustrações do artista plástico português José de Guimarães, pode ser tida como a representação do mar para os portugueses: o mar que guarda todos os mistérios, medos e conquistas. As sete espadas que ameaçam o Capitão-general são sete serpentes entrelaçadas, lembrando um monstro de sete cabeças, como a Hidra de Lerna, numa referência, portanto, à mitologia clássica.

Em seguida há a "negociação" entre o gajeiro e o Capitão-general, quando o Capitão-general, para não ser morto pelos seus marinheiros, oferece todos os seus bens, materiais e imateriais, para que o gajeiro indique onde há um porto seguro para a Nau Catrineta. O gajeiro recusa todas as

ofertas do Capitão-general e pede a sua "alma", pedido que o revela: trata-se do próprio demônio, que é representado por uma figura com chifres, de pés desproporcionais e três serpentes em seu corpo. Observe-se que esse demônio possui lábios de mulher.

O Capitão-general se recusa a aceitar tal proposta e joga-se ao mar:

A minha alma é só de Deus;

o meu corpo dou ao mar. (GUIMARÃES, 1983)

Há uma fragmentação da figura do Capitão-general, como se ele estivesse a afogar-se: sua cabeça não aparece colada ao corpo, e as pernas estão voltadas para cima. Nesse momento há a representação da angústia e do medo, mas na última ilustração do livro o anjo pega o capitão-general nos braços, salvando-o, dessa forma, de um destino trágico. Esse anjo aparece carregando-o de uma forma maternal, como se se tratasse de um bebê, impressão realçada pelo olhar do anjo e pela presença de seios, um dos quais apontado para o Capitão-general.

3. A Dramaticidade das Encenações nas Ilustrações de Roger Mello

A edição da Nau Catarineta de Roger Mello apresenta ilustrações carregadas de “brasilidade”; suas cores fortes e quentes preenchem traços carregados de dramaticidade e espírito lúdico, emprestando à obra um clima marcadamente brasileiro e festeiro, inserindo elementos que caracterizam a manifestação das representações dançadas e dramatizadas da Nau Catarineta no Brasil:

Filho de raças cantadeiras e dançarinas o brasileiro, instintivamente, possui simpatias naturais para essa atividade inseparável de sua alegria. Canto e dança são expressões de sua alegria plena. É a forma de comunicação mais rápida, unânime e completa dentro do país. (CASCUDO, 1978, p.35)

As ilustrações feitas por Roger Mello remetem à arte naïf (ou primitiva) brasileira, relacionada à arte popular. Faz-se necessário esclarecer que se convencionou chamar “arte primitiva” a que é produzida por artistas não-eruditos, a partir de temas populares normalmente inspirados no meio rural. (A palavra naïf vem do latim *nativus*, que significa natural, espontâneo. Apresenta cores vivas, imaginação, estilização e poder de síntese, levados para a tela com uma técnica aparentemente rudimentar.) Desta forma, o artista que segue essa linha inspira-se na vida do campo, nas atividades de plantar e colher e nas festas populares. Seus personagens são os homens simples e camponeses.

Apesar de muitas vezes ser equiparada à pintura de crianças, Anatole Jacovsky estabelece diferenças entre a arte primitivista e a pintura de crianças, pois a pintura das crianças não é obra de arte, já que para elas a pintura não passa de divertimento, enquanto para os primitivistas trata-se do objetivo de suas vidas. Eles abolem o tempo e remontam às fontes, a esses paraísos infantis perdidos e, afinal, reencontrados. Para Jacques Ardies, a arte naïf é um estilo que existe há milênios, desde quando o homem desenhava cenas de caça nas paredes das cavernas.

Os artistas naïfs são forçosamente autodidatas no sentido que eles não receberam influência ou dirigismo de um professor de Belas Artes. Eles começam a pintar por impulso e procuram resolver as dificuldades técnicas com meios próprios, sendo perdoados quando as suas figuras não são perfeitamente desenhadas ou quando aparecem erros de simetria e perspectiva. Porém, a experiência da prática ao longo dos anos pode proporcionar ao pintor naïf uma técnica apurada e certa. (ARDIES, 1998, p.15).

Ardies observa ainda que o destaque da arte primitivista reside justamente na total liberdade de criação do artista, que se expressa com espontaneidade e com inocência. "Em geral, o artista naïf oferece uma visão interior, repleta de cor, criando um mundo para si próprio." (ARDIES, 1998,

p.17) Os artistas naïfs possuem a consciência da autonomia do espaço pictórico, o uso expressivo e ornamental das cores, o toque onírico que diferencia o universo criado da realidade e a poesia presente nos quadros. Roger Mello, portanto, nos apresenta um trabalho de pesquisa inspirado na arte pictórica popular, apresentando resultados surpreendentes, pois une o traço “espontâneo” a uma riqueza de detalhes que condensam a narrativa e a dramaticidade presentes no poema e nas encenações da Nau Catarineta; ele nos apresenta novas cores, inclusive de difícil reprodução, distanciando-se nesse particular de um típico artista primitivista, embora os “retratos” da festa popular da Nau Catarineta sejam inspirados na arte naïf.

A primeira impressão ao nos depararmos com o livro ilustrado por Roger Mello é a de estarmos diante daqueles tapetes feitos de retalhos utilizados para contar histórias. O livro inicia-se pela apresentação das convenções a respeito da representação pictórica das personagens (a tripulação) da Nau Catarineta. Em seguida o texto começa, com a apresentação da representação teatral em versos, lembrando a apresentação de festas populares como a Folia de Reis, por exemplo, que ocorre no interior do país, onde o grupo que está se apresentando passa de casa em casa chamando o público para o seu espetáculo:

Entremos nesta nobre casa
com estas vozes descansadas.

Louvores viemos dar
Ao senhor dono da casa

(MELLO, 2003, essa edição também não apresenta páginas numeradas))

Os versos, em redondilha maior, assemelham-se aos versos de um cordel, curtos, com rimas simples, o que facilita o ato de decorar, essencial nas apresentações públicas. Nas primeiras estrofes há a apresentação ao público, quando o narrador esclarece que o poema trata de uma obra fictícia, descrevendo a própria representação que está sendo prestigiada.

Nossa barca e os marinheiros
navegando pela rua.

Os marujos vão em linha
e o fandango continua.

Ando roto, esfarrapado,
mas hoje sou almirante
desta barca de brinquedo
amarrada num barbante.

Aqui hoje sou marujo
com pandeiro e espadim.
Minha nau é de brinquedo,
ninguém tenha dó de mim. (MELLO, 2003)

A imagem que acompanha esse texto representa, provavelmente, alguma cidade histórica brasileira, com suas ruas de paralelepípedo e casinhas coloniais, representando o caráter atemporal de um Brasil que todos temos no nosso imaginário. Há a representação de uma festa popular, que pode ser um fandango ou uma marujada, com traços primitivistas nas figuras bidimensionais. A

ênfase para a figura do almirante é dada pela sua desproporcionalidade, uma vez que é a maior figura da cena. Está representado com roupas de almirante e espada embainhada, portando um cone (espécie de megafone) em sua mão direita e puxando um barco de brinquedo, com rodinhas, por um barbante. Faz-se um paralelo com o texto: “com pandeiro e espadim”; o pandeiro do texto, assim como o cone da ilustração, representa a festa popular, a representação propriamente dita; já o “espadim” é um elemento cênico importante na caracterização da personagem do almirante. À sua volta, na ilustração, estão os músicos (representados com pandeiros e violas), vestidos de marinheiros, “em linha”, ou seja, enfileirados. Há ainda a presença do público, com vestes coloridas, carregando bandeirinhas, prestigiando a festança. É curioso observar que as pessoas são representadas em diversas tonalidades: rosa, marrom, vermelho, preto, verde e amarelo, o que, sem dúvida, nos remete ao próprio povo brasileiro: miscigenado e colorido, alegre e festivo. Ou seja, na representação do poema de origem portuguesa, Roger Mello recria a narrativa, regionalizando-a e colocando-a num contexto abrazeirado.

Há ainda a “apresentação” de alguns momentos-chave do poema, em páginas inteiramente vermelho-carmim, com a presença apenas de alguns personagens e elementos que representam os adereços dos “atores”, como bandeirinhas, painéis e o megafone do Capitão-general. Nesses momentos, de auge da dramaticidade, o narrador cede a voz às personagens, que condensam a tensão em suas falas - afinal, o vermelho traduz toda a tensão contida nesses episódios.

O mar está representado, em algumas ilustrações, por uma trama que se assemelha à tapeçaria, talvez em alusão àquelas que poderiam estar sendo transportadas pela Nau Catarineta, ou mesmo às tapeçarias de tear feitas no Nordeste, caracterizando a ambientação do poema de origem portuguesa no Brasil. Vemos ainda cravos-da-índia desenhados na própria proa da embarcação, simbolizando as preciosas especiarias que motivaram boa parte das navegações dos séculos XV e XVI. Nas ilustrações em que o mar não está representado dessa forma ele não está propriamente representado: peixes, arraias, águas-vivas, monstros marinhos estão no lugar onde deveria estar o mar, trazendo à tona o gigantesco imaginário existente a respeito do mar - lembremo-nos do “Mar português”, de Fernando Pessoa: “Deus ao mar o perigo e o abismo deu / Mas nele é que espelhou o céu.”

O poema apresenta dois momentos de grande tensão, o primeiro deles quando da tempestade que atingiu a Nau Catarineta, e o segundo na disputa entre o Capitão e o Diabo. Durante a tempestade há o desespero da tripulação e uma disputa de poder entre os diversos tripulantes, questão resolvida com a intervenção do Capitão-general. Depois da tempestade, passam-se sete anos (e um dia) de calmaria. Ao longo desse tempo em que permaneceram à deriva, os marujos fazem do contar histórias o seu passatempo, histórias como a da própria Nau Catarineta, mas a comida escasseia e a fome deixa toda a tripulação desesperada. Situação comum e recorrente durante as navegações, principalmente durante longas calmarias e após naufrágios, quando os sobreviventes encontravam alguma terra que não lhes era familiar.

Já não tinham o que beber
nem tampouco o que manjar,
senão sola de sapato;
uma fome de amargar.

Botamos as solas de molho
para outro dia jantar.
Mas a sola era tão dura
que não pudemos tragar.(MELLO, 2003)

Por causa da fome, a tripulação faz um sorteio, para escolher quem será comido pelos demais, e é sorteado o Capitão-general, que, desesperado, pede ao Gajeiro que suba ao mastro para tentar avistar alguma terra. O Capitão-general tenta uma espécie de “barganha” com o Gajeiro (oferecendo-lhe a filha, seu cavalo e seus bens), para que este lhe mostre onde há terra firme, , mas o Gajeiro não quer, quer a Nau Catarineta, ao que o Capitão responde que não pode dar, pois a nau pertence ao rei de Portugal. A tripulação aparece se escondendo e tapando os olhos, revelando para os leitores, através das ilustrações, o medo. O Gajeiro então pede a alma do Capitão-general, revelando ser o próprio Demônio, que nessas ilustrações está representado como uma figura quase marinha: o Gajeiro vai se transformando em figura demoníaca enquanto fala com o Capitão (isso fica bastante claro na representação das ilustrações: na primeira vez em que o Gajeiro aparece ele está vestido de marinheiro, depois mostra o seu corpo vermelho e por fim o seu enorme rabo). O Capitão-general, ao constatar a verdadeira identidade do Gajeiro, não aceita fazer acordo com o Demônio e se joga ao mar. Um anjo o pega no fundo do mar, trazendo-o de volta à embarcação. Desta forma, depois da derrota do Diabo, a tripulação é representada muito alegre, numa verdadeira comemoração, junto aos anjos, entre os quais aparece até mesmo uma figura que nos remete à imagem de Nossa Senhora Aparecida.

Considerações Finais

É interessante notar que nas ilustrações que representam o embate do Capitão com o Diabo, depois que este se revela, ou seja, no embate entre o Bem e o Mal, há a representação de diversas “naus”: “nau do cão”, “nau horrorosa”, “nau infernal”, “nau tenebrosa”, “nau celestial” e “nau divinal”, numa clara alusão aos Autos das Barcas de Gil Vicente - autos teatrais -, assim como às representações da Nau Catarineta em território brasileiro.

A nau é levada de volta a Portugal, com todos a salvo. Termina assim, com uma festa, o episódio da Nau Catarineta:

Olhem como vem brilhando
esta nobre infantaria.
Saltemos do mar pra terra,
ai, ai, festejar este dia.

Saltemos todos em terra,
todos com muita alegria;
louvares viemos dar
a Deus Menino este dia. (MELLO, 2003)

Paralelamente à festa que começa por causa da chegada da nau a Portugal, a festa popular, fandango ou marujada, chega ao seu fim; assim como a tripulação da nau Catarineta, todos voltam à sua vida cotidiana:

Triste vida do marujo,
de todas, a mais cansada.
Mal ele chega na praia,
A barca apita apressada.

Todos filhos da fortuna
que quiserem se embarcar,

a catraia está no porto,
a maré está baixa-mar. (MELLO, 2003)

Os marujos voltam a Portugal, a festa termina com a alusão a novas aventuras a “todos que quiserem se embarcar”, e a ilustração de Roger Mello retorna ao cenário onde a festa começou, agora com as pessoas indo embora, as bandeirinhas esquecidas pelo chão, e o Almirante, de costas, carregando seu cone debaixo do braço e puxando seu barquinho pelo barbante.

Referências Bibliográficas

- [1] ARDIES, J. *A arte naïf no Brasil*. São Paulo: Empresa das Artes, 1998.
- [2] BENJAMIN, Walter. “O narrador”, In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- [3] CASCUDO, Luis da Câmara. *Literatura Oral no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1978.
- [4] CORTESÃO, Jaime, *O Que o Povo Canta em Portugal*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1942.
- [5] GUIMARÃES, José de. *A Nau Catrineta*. Viseu: Quetzal Editores, 1983.
- [6] JACOVSKY, A. *Dictionnaire des Peintres Naïfs du Monde Entier*. Basel: Basilius Press, 1976.
- [7] LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades e Escritas*. Lisboa: Edições Colibri, 1998.
- [8] MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. 2ª edição. São Paulo: Editorial Summus, 1979.
- [9] MELLO, Roger. *Nau Catarineta*. Rio de Janeiro: Manati, 2004.
- [10] PERES, Damião. *História dos Descobrimentos Portugueses*. Porto: Vertente, 1983.
- [11] PIGAFETTA, Antonio. *A Primeira Viagem ao Redor do Mundo- O diário da expedição de Fernão de Magalhães*. Porto Alegre: L&PM, 1985.
- [12] ROCHA, Natércia. *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*. 2ª ed. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992
- [13] ROSÁRIO, Lourenço do. *Singularidades II*. Maputo: Texto editores, 2007.

i **Rhea Sílvia WILLMER, Mestranda**

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Faculdade de Letras
E-mail: rheawillmer@gmail.com